

A VIOLÊNCIA DO OLHAR: INTERSUBJETIVIDADE EM SARTRE

LA VIOLENCE DU REGARD: L'INTERSUBJECTIVITÉ CHEZ SARTRE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino¹

Resumo: Explicaremos o conflito entre duas liberdades em Sartre, a partir do conceito de “Olhar”, usando como referência a obra *O Ser e o Nada*. O olhar do Outro me atravessa com violência, aliena minha liberdade tornando-me objeto, e revela a mim mesmo o que sou sem a minha permissão; na vergonha, eu me vejo pelo olhar do outro com embaraço. Porém, a relação de ver e ser visto é recíproca; enquanto *ser-para-outro-sujeito*, apreendo o Outro como objeto e lhe atribuo significações. Assim, concluiremos que cada liberdade tenta sobrepor-se à Outra, alienando-a, o que torna o conflito algo inerente à intersubjetividade em Sartre.

Palavras-chave: Sartre. Intersubjetividade. Olhar. Ser-para-outro. Conflito.

Résumé: Nous allons expliquer le conflit entre deux libertés chez Sartre ayant comme base le concept du « regard » et comme référence l'œuvre *L'Être et le Néant*. Le regard de l'Autre me transperce avec violence, aliène ma liberté en me transformant en objet et me révèle ce que je suis sans ma permission; dans la honte, je me vois par le regard de l'autre avec embarras. Cependant la relation entre voir et être vu est réciproque; en tant qu'*être-pour-l'autre*, je saisis l'Autre comme objet et je lui attribue des significations. Ainsi, nous concluons que chaque liberté essaie d'aliéner l'autre, ce qui rend le conflit inhérent à l'intersubjectivité chez Sartre.

Mots-clés: Sartre. Intersubjectivité. Regard. Être-pour-autrui. Conflit.

* * *

Introdução

O Outro *é aquele que me vê*. Ele nega minha transcendência constituindo meu *ser-fora*, o que me torna objeto classificável no mundo. *Ser-para-Outro* é chamado por Sartre de *a parte do diabo*, já que a liberdade é alienável, portanto poderá ser julgada. Ser visto é meu pecado original, é a minha queda de liberdade absoluta a objeto no mundo. A relação com o Outro é equânime, por isso não sou apenas vítima; existe a possibilidade iminente de explodir em direção ao Outro e retomar meu mundo, classificando Outrem na ordem de significações que eu estabeleci. Assim, as relações subjetivas que se estabelecem entre duas

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2012. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFES em 2014. Doutoranda em filosofia pela UNIFESP. E-mail: siloe_cristina@hotmail.com.

liberdades são instáveis e conflituosas. Porém, como veremos, este conflito possui uma parte positiva, já que é pelo olhar que afirmo a existência do Outro, ao mesmo tempo em que tenho um ser conferido a mim.

Neste trabalho, procuramos definir a relação com o Outro, de início, no âmbito ontológico para, aos poucos, explicar como esta relação se dá concretamente. Para isso, na primeira parte, intitulada *A violência do Olhar*, veremos como a aparição do Outro ocorre para mim, com base na *Terceira Parte: Capítulo 1: A existência do Outro* da obra *O Ser e o Nada*. O Outro destrói o meu mundo e me condena a ser objeto, uma vez que seu Olhar cria uma imagem de mim que *sou e não sou* ao mesmo tempo – e precisarei assumi-la, isto é, posicionar-me diante dela. Como veremos por meio da análise da obra *Huis Clos*, na segunda parte deste artigo, intitulada *Espelho Maldito: A alienação da Liberdade*, meu *ser-fora* se constitui pelo Olhar do Outro; no fundo, o Outro me revela uma parte importante de mim mesmo. Por isso, as relações, no inferno da intersubjetividade, são de tortura psicológica: o Outro não vem afirmar aquilo que eu desejo ser; em vez disso, ele cria um ser que não escolhi, pois o seu olhar é um espelho crítico indomável diante do qual me posiciono e não posso fugir. Não é possível negar que essa imagem sou eu, tampouco posso quebrar o espelho e destruí-lo – é com essa informação que os demônios me dão boas vindas ao inferno. O Olhar do Outro será apreendido por uma consciência irrefletida, isto é, um sentimento. O sentimento diante do Outro, como a apreensão de si enquanto objeto visto, prova que eu me reconheço como Outrem me vê e assumo este ser que é real. É o que Sartre exemplifica com a conduta da *vergonha* – sentimento que tentaremos analisar na terceira parte deste artigo. Mostraremos, por fim, na última parte, intitulada *Ser-para-outro em Situação*, que em situação estamos diante de Outrem e precisaremos lidar com as objetivações de nosso ser, de modo que seremos o que fizermos de nós a partir do que fizeram de nós.

1. A violência do olhar

Nesta seção, buscamos explicar como se dá a aparição do Outro em meu mundo – o ralo que faz escoar minhas significações e, ao mesmo tempo, me insere como objeto em meio a objetos dotados de sentido. A consciência em Sartre é *negação*: ela é *não-ser*, ou

ainda, *o ser que é o que não é e não é o que é*. Assim, ao se relacionar com os objetos no mundo, a consciência nega o em-si bruto, o transcende e significa. Mas o objeto é fechado nele mesmo e permanece indiferente; apenas minha consciência nega o objeto e descobre a si mesma como absoluto. A entrada do Outro na situação muda todo o quadro, porque Outrem modifica a mim e ao mundo; este outro-sujeito nega a minha liberdade, minha transcendência e me torna objeto: ele nega minha consciência enquanto absoluto. O Outro aliena minha espontaneidade, fixando um ser objeto. A negação interna realizada pela Outra consciência é constituinte: o Outro me impõe um *lado de fora*, porque não afirma a consciência que tenho de mim mesmo (como a certeza de si hegeliana), mas objetiva meu ser me confinando a um ser-objeto.

Assim, meu *ser-para-Outro*, ou *ser-fora*, é um *eu-não-revelado*, já que não posso apreendê-lo, senão pelo olhar do outro. É meu ser, mas o desconheço, não o escolhi e sou forçado a assumi-lo. Este eu-objeto que sou foi constituído pelo Outro; assim, Outrem tem a chave de meu ser. Isso não impede, porém, que a qualquer momento eu possa deixar de ser visto, para me tornar o carrasco que vê. Desse modo, a cada momento, uma consciência é ora apreendida como objeto, ora como sujeito, permanecendo sempre a possibilidade de inversão.

Sartre compreende que a liberdade é o ser do homem, que percebe e significa o dado bruto a sua volta, transformando-o em seu mundo. O real existe por si, mas só tem sentido a partir das significações que estabeleço. Uma pedra, em-si maciço, é incapaz de estabelecer relações com outro ser. É minha consciência que significa o mundo sob a luz de minhas projeções. Meu mundo se revela a mim como o conjunto de significações que dou ao real; enquanto estiver sozinho, meu mundo tem o sentido que eu estabelecer. Nego este banco, este gramado, esta estátua; não sou estes objetos, sou potência significadora. Esta negação externa revela a mim que sou consciência. Porém, o contato com o Outro realiza uma ruptura entre minha consciência e suas relações com o mundo.

Não é a percepção de gestos vívidos (e possivelmente humanos) que me levam a crer na existência do Outro. É a evidente dissolução de meu mundo e de minhas significações que o revelam a mim.² Sua visão se sobrepõe à minha, e reestrutura minha

² Esta relação não é de conhecimento, o Outro-sujeito não é objeto no mundo; a relação com o Outro-sujeito ocorre irrefletidamente.

situação. Meu mundo é negado, de modo que já não sou o princípio de significação do real – é o Outro. O espólio e a destruição do meu mundo são as marcas da violência do Olhar do Outro. “Assim, a aparição, entre os objetos de *meu* universo, de um elemento de desintegração deste universo, é o que denomino a aparição de *um homem* no meu universo” (SARTRE, 2009, p.329, grifos no original).

Além da destruição do meu mundo, o Outro afeta meu ser. A consciência é absoluta espontaneidade, de modo que não poderia fixar seu próprio ser. Para isso, é necessário o Outro; Outrem é condição de minha objetividade. O Olhar do Outro me torna objeto, realiza a metamorfose de meu ser transformando-me em transcendência-transcendida; ele me nega internamente. O Outro faz surgir meu *ser-objeto*, confere à transcendência que sou *um lado de fora*.³ Enquanto negação do mundo, permaneço como liberdade absoluta; porém, o contato com o Outro nega a minha *potencialidade significadora* e a espontaneidade de meu ser, realizando a *queda originária* que me transforma em objeto.

A minha consciência aparece não apenas para mim, mas também para Outro, de modo que este constituirá meu ser pelo Olhar. A outra liberdade me apreende como objeto, daí o conflito. Meu ser é atingido pelo olhar do Outro, e seu ato violento é constituir meu ser-fora; estou indefeso ao seu olhar que me desfere golpes de punhal.

Os sentimentos que tomam conta é o de exílio, de expatriação, de abandono, de falta de identidade; sente-se o esvaziamento da liberdade [...] sente-se a “morte” da singularidade do ser sujeito, pois a impressão é de que o outro rouba o significado da própria subjetividade (AGUIAR, 2003, p.101).

Sou e não sou esse conjunto de significações. Este ser tornado objeto *sou eu*, reconheço como *meu*. Porém, a consciência intencional não pode se tornar, no seio de seu *nada*, um objeto determinado tal como o banco ou a estátua. O olhar do Outro fixa em mim um ser que não posso realizar plenamente, já que permaneço como transcendência e pura espontaneidade.

Por outro lado, também existirá sempre a possibilidade de retomar minha posição de sujeito e tornar o Outro Objeto, uma vez que ele aparece como *aquele-que-me-vê*, mas possuí, ao mesmo tempo, a possibilidade de ser *aquele-que-eu-vejo*. Esta relação conflituosa, realizada por dois seres iguais, não poderia ser unilateral. A reciprocidade está

³ Cf. SARTRE, 2009, p.338.

nas relações concretas com o Outro: vejo ou sou visto. Só não é possível realizar as duas coisas ao mesmo tempo, “[...] porque cada um tem instabilidade própria e se desmorona para que o Outro surja de suas ruínas [...]” (SARTRE, 2009, p.378).

O *Outro-objeto* é o *ser-fora* do Outro. Posso conhecê-lo, na medida em que vejo seus atos e apreendo o conjunto de significações que ele deu ao mundo; com a percepção refletida, constituo o *ser-fora* do Outro-objeto. Por isso, sou vítima e carrasco: no conflito da intersubjetividade uma liberdade sempre tenta sobrepor-se à Outra. Existe sempre à espreita a possibilidade de me reapropriar de minha liberdade e transcender a transcendência do Outro.

É o que Sartre mostra concretamente em várias de suas peças de teatro, em especial quando um dos seus personagens afirma: “*o inferno são os Outros*”. Mas essa frase foi, de acordo com Sartre, mal interpretada. Iremos agora tentar explicar o seu real sentido: o Outro é mediador do meu ser; um espelho crítico que revela o que sou. Quando esta imagem – que é real e sou eu – não está de acordo com minhas expectativas e projeções, o Outro se torna meu carrasco.

2. Espelho maldito: a alienação da liberdade

Ampliaremos aqui a explicação ontológica das relações com o Outro, a partir de uma análise da peça de teatro sartriana intitulada *Huis Clos*. Nesta peça, traduzida para o português com o título *Entre Quatro Paredes*, Sartre retrata as relações entre três personagens: Garcin, Estelle e Inês. Eles estão no inferno, mas, diferentemente do esperado, não se encontram num ambiente de tortura física – a tortura é psicológica. O sofrimento a que os personagens estão submetidos é a violência do olhar – a difícil tarefa de encontrar-se pelos olhos do Outro.

A consciência de si mesmo é domesticada, segura e passível de dominação – dou a mim mesmo o sentido que eu quiser –, enquanto que a forma como o Outro me vê é incerta e indomável. Eu sou este ser que o Outro vê, mas este ser que ele constitui pelo Olhar me escapa. Como Estelle diz: “minha imagem no espelho estava aprisionada. Eu a conhecia tão

bem... Eu vou sorrir: meu sorriso irá ao fundo de suas pupilas e Deus sabe o que ele irá se tornar” (SARTRE, 1947, p.39).⁴

Estar na presença do Outro é estar nu e embaraçado diante de alguém que lhe constrange e aliena. No inferno, é impossível fugir do Olhar do Outro. Sem pálpebras, sem poder dormir, sem conseguir apagar as luzes, trancados entre quatro paredes: é impossível desviar-se do Olhar. “Muito bem, é preciso viver com os olhos abertos” (SARTRE, 1947, p. 16),⁵ afirma Garcin, que percebe que a tortura é a convivência. Para evitá-la, gostaria de permanecer calado, de quebrar a lâmpada ou ainda que eles se ignorassem. Sua conduta inicial ante o Olhar do Outro é a indiferença – a tentativa de esvaziar a subjetividade do Outro, retirar seu poder condenador de me julgar. Mas é impossível: Outrem é sujeito que me atribui significações mesmo que esteja em silêncio. Seus esforços são inúteis, não há escapatória, e eles precisam se aguentar pela eternidade. À medida que os personagens se conhecem, a tortura se intensifica. Cada um se torna o carrasco do Outro ao mesmo tempo em que busca ser tomado pelo valor que atribuiu a si. Não há como ver a si mesmo, porque o que eles apreenderão de si passará, antes, pelo Olhar do Outro.

A inexistência de espelhos coordena-se com a ausência de pálpebras. A única possibilidade de recuperar a imagem pessoal é fazer um desvio pelo Outro. A identidade do próprio eu é uma tarefa pessoal, mas implica a mediação. A subjetividade edifica-se através do reconhecimento, pelo qual o Outro me devolve a mim mesmo (SILVA, 2012, p.147).

É o Outro que realiza a mediação para constituição de meu ser; pois isso que eu sou passa pelo olhar do Outro. É o que Sartre explica em sua entrevista publicada em *Un Théâtre de Situations*. Não podemos interpretar a frase “*o inferno são os Outros*” como a simples indicação dos conflitos inerentes às relações humanas, ou reduzi-la a objetivação de meu ser realizada pelo Olhar. Afirmar que “*o inferno são os Outros*” é reconhecer que o meu ser depende do Outro, e que ele é o mediador necessário entre minha consciência e meu ser-objeto. Em suas palavras:

Eu quis dizer “o inferno são os outros”. Mas “o inferno são os outros” foi sempre mal compreendido. Acreditaram que eu queria dizer com isso que

⁴ Tradução nossa para: “Mon image dans les glaces était apprivoisée. Je la connaissais si bien... Je vais sourire: mon sourire ira au fond de vos prunelles et Dieu sait ce qu'il deviendra” (SARTRE, 1947, p.39).

⁵ Tradução nossa para: “Très bien. Alors, il faut vivre les yeux ouverts” (SARTRE, 1947, p. 16).

nossas relações com os outros estavam sempre envenenadas, que eram sempre relações infernais. É outra coisa que eu quero dizer. Quero dizer que, se as relações com os outros são torcidas, viciadas, então o outro só pode ser o inferno. Por quê? *Porque os outros são, na verdade, o que existe de mais importante em nós mesmos, para o nosso próprio conhecimento de nós mesmos.* Quando pensamos sobre nós mesmos, quando tentamos nos conhecer, no fundo usamos o conhecimento que os outros já têm de nós, nós nos julgamos com os meios outros tem, que eles nos deram para nos julgar. O que eu digo sobre mim sempre tem o julgamento dos outros no meio. O que eu sinto de mim, o julgamento dos outros está no meio. [...] Isso só marca a importância capital de todos os outros para cada um de nós (SARTRE, 1973, p.282-283, grifos nossos)⁶.

Este é o aspecto positivo do conflito inerente à intersubjetividade em Sartre. Como tentamos explicar ao longo deste artigo: o Outro é necessário para a constituição do meu ser e para o conhecimento de mim (meu ser objetivado que sou sempre à maneira de não-ser). Ao contrário do que a maior parte da sociedade está habituada a pensar e ignorar, a experiência com o Outro oferece muito sobre si mesmo. Não estamos diante do Outro apenas como consciência significativa: somos vítimas, e inevitavelmente seremos presas do Outro. O Outro é o carrasco que desnuda meu ser e revela a mim o que eu não percebia.

Outrem define e constitui meu valor; dessa forma, preciso do seu olhar para afirmar a mim mesmo. Contudo, o Outro não vem afirmar a certeza que tenho de mim mesmo, mas criará meu ser-fora sem respeitar minhas próprias concepções. O Olhar do Outro é um espelho crítico indomável que me tortura psicologicamente, sendo que não posso recusar essa imagem deturpada de mim, não posso escolhê-la, editá-la ou destruí-la: precisarei me haver com ela.

Cada qual exige dos outros ser aceito pelo valor que ele ou ela gostariam fosse visto neles; que os outros os percebam como eles próprios desejariam ser percebidos; porque há uma recusa mútua, ou melhor, uma incapacidade de fazer isso, cada um deles é forçado a ver-se pelos olhos

⁶ Tradução nossa para: “J’ai voulu dire : l’enfer, c’est les autres. Mais « l’enfer, c’est les autres » a été toujours mal compris. On a cru que je voulais dire par là que nos rapports avec les autres étaient toujours empoisonnés, que c’étaient toujours des rapports infernaux. Or, c’est tout autre chose que je veux dire. Je veux dire que si les rapports avec autrui sont tordus, viciés, alors l’autre ne peut être que l’enfer. Pourquoi ? Parce que *les autres sont au fond ce qu’il y a de plus important en nous-mêmes pour notre propre connaissance de nous-mêmes.* Quand nous pensons sur nous, quand nous essayons de nous connaître, au fond nous usons des connaissances que les autres ont déjà sur nous. Nous nous jugeons avec les moyens que les autres ont, nous ont donnés de nous juger. Quoi que je dise sur moi, toujours le jugement d’autrui entre dedans. Quoi que je sente en moi, le jugement d’autrui entre dedans. [...] Ça marque simplement l’importance capitale de tous les autres pour chacun de nous” (SARTRE, 1973, p.282-283, grifos nossos).

dos outros e nenhum deles pode escapar a um identidade imposta de fora (DANTO, 1975, p.83)

Estas concepções são visualizadas claramente em *Huis Clos*. Quando a guerra estourou, Garcin foi convocado, mas, com medo do combate, não se apresentou, tomou um trem para o México e fugiu. Foi apanhado na fronteira, preso e fuzilado, morrendo como um covarde. Ele deseja que uma consciência negue sua covardia, atribua a ele um ser corajoso.

Estelle, por sua vez, traiu seu marido e cometeu infanticídio. Deseja alguém que a veja como seu cristal, como uma jovem bela e boazinha. Precisava de Garcin, figura masculina, para afirmar sua beleza e pureza; enquanto que Garcin gostaria de uma mulher que não o visse como medroso – uma outra consciência que negasse todas as vozes acusadoras de seu ser covarde:

Vê; eles são mil a repetir que eu sou um covarde. Mas o que são mil? Se existe uma alma, uma só, para afirmar com todas as suas forças que eu não fugi, que eu não posso ter fugido, que eu tenho coragem, que eu sou próprio, eu... Eu estou certo que eu seria salvo. Você quer acreditar em mim? *Você me seria mais cara que eu mesmo*⁷ (SARTRE, 1947, p.66-67, grifos nossos)

Mas Estelle queria apenas um homem com mãos e braços fortes, que a admirasse e a desejasse, e pouco importava que Garcin fosse ou não um herói. Assim, os dois são incapazes de dar o valor que o Outro gostaria de ter. O ser que eles constituem e apreendem é diferente da valoração de si desejada pela consciência. O relacionamento dos dois necessariamente fracassa; nenhum dos dois é capaz de satisfazer a necessidade do Outro.

Por fim, há Inês, que é irônica e áspera na maior parte do tempo. Ela tenta conquistar Estelle, mas é rejeitada porque Estelle quer que um homem a reconheça, não uma mulher. Enquanto Estelle deseja ser amada, ou seja, tornada objeto primordial a partir do qual o sujeito valorará o mundo, Inês é sádica, deseja tornar o outro objeto, e precisa do

⁷ Tradução nossa para: “Vois ; ils sont mille à répéter que je suis un lâche. Mais qu'est-ce que c'est, mille ? S'il y avait une âme, une seule, pour affirmer de toutes ses forces que je n'ai pas fui, que je ne peux pas avoir fui, que j'ai du courage, que je suis propre, je... Je suis sûr que je serais sauvé ! Veux-tu croire en moi ? *Tu me serais plus chère que moi-même*” (SARTRE, 1947, p.66-7, grifos nossos)

medo dos outros para sentir-se manipuladora, controladora. Os projetos das duas são opostos: Estelle deseja tornar-se objeto, Inês deseja objetificar o Outro⁸.

Seja como for, todos os três fracassam, e o conflito entre as subjetividades permanece. Não é possível tornar o Outro um objeto à maneira do em-si, transcender a transcendência de Outrem e petrificá-lo de modo que ele jamais retornasse a ser potência significadora; a consciência não pode ser transformada em objeto opaco, pesado. Da mesma forma, não posso me entregar como objeto para Outrem. Por isso, o conflito é um jogo dinâmico em que vejo e sou visto sem poder congelar um desses momentos. Como citado anteriormente, cada um tem a instabilidade própria: ora percebo o Outro refletidamente, tornando-o objeto; ora irrefletidamente sou consciente de que Outrem me torna objeto.

Na dinâmica conflituosa das três personagens, Garcin deseja o heroísmo, mas morreu como covarde e Estelle não se importa com isso, pois quer apenas ser tornada objeto amado. Estelle deseja ser vista como um cristal belo, mas é rejeitada, já que Garcin não se importa com sua beleza, apenas deseja a própria autoafirmação. Inês, por sua vez, é um carrasco que atormenta a vida dos dois e tenta objetificá-los, já que é rejeitada por Estelle – porém, também não poderá ser exclusivamente sádica, pois em algum momento o Outro irá torná-la objeto.

Dessa forma, vimos, com base em *Huis Clos*, que a consciência não consegue ter aquilo que formulou sobre si mesma afirmado como verdadeiro; não consigo controlar qual será o ser que o Outro constituirá. Além disso, as relações intersubjetivas não são estáveis: sou vítima e carrasco, sujeito e objeto. Porém, percebemos também que existe um aspecto positivo no conflito: preciso do Outro para revelar a mim aquilo que sou. A espera por um Outro que venha afirmar meu ser implica meu reconhecimento de que o que eu sou (à maneira de não-ser) se constitui fora de mim.

Eu reconheço com embaraço que sou como o Outro me vê. O reconhecimento de ser este objeto é provado pelo orgulho, vergonha, medo, etc. Veremos com mais clareza como a consciência irrefletida – nesse caso, os sentimentos – nos mostra a alienação de nosso ser e nosso reconhecimento de ser este objeto apreendido, formado e significado pelo Outro.

⁸ Existem duas formas básicas de se relacionar com o Outro para Sartre: tornar-se objeto (masoquismo) ou objetivar o Outro (sadismo). O filósofo francês descreve estas relações na parte *As Relações concretas com o Outro* presente na obra *O Ser e o Nada*.

3. A vergonha

Para revelar como se dá esta relação de intersubjetividade, que implica a constituição e o reconhecimento da existência de meu *ser-fora*, Sartre usa o exemplo da vergonha. Ele imagina um homem que olha pelo buraco da fechadura. Na ação de observar escondido atrás da porta, aquele que olha tem consciência irrefletida de si e de seus atos. Sua atenção volta-se para tentar ver o que está ocorrendo atrás da porta. Preocupada apenas em descobrir o que ocorre na outra sala, a consciência se esgota em ver e ouvir o que se passa.

Sou consciência irrefletida que percebe e significa esta situação, porém, ouço um barulho no corredor. Minha consciência “desperta” para o fato de que alguém me olha e inclui, como elemento situacional, Outrem. Continuo voltada para a situação, mas agrega-se à consciência da situação “a consciência irrefletida de que sou visto”. A consciência posiciona a própria situação refletidamente e possui irrefletidamente consciência de si como objeto percebido por Outrem. Assim, sou consciência irrefletida de ser visto. Alguém me olha enquanto espreito pela fechadura, por isso sinto vergonha.

Sinto vergonha de mim diante do outro, isto é, sinto vergonha de como o outro me vê (um envergonhado solipsista seria absurdo). “[...] A vergonha, em sua estrutura primeira, é vergonha *diante de alguém*” (SARTRE, 2009, p.289, grifos no original). Este sentimento não é refletido, mas vivenciado: ao ter consciência de que meu gesto foi visto, sinto vergonha de mim, ou ainda, da forma como apareço para quem me vê. De súbito, sou consciência irrefletida do ser que sou para o Outro, e me tornei objeto no mundo que eu reconheço com vergonha.

Não sou eu o fundamento desse ser, e estou separado dele por um nada, mas ainda assim esse ser sou eu. Este ser constituído não é mera ilusão ou imagem subjetiva; pois, caso fosse, o olhar do Outro não me afetaria. *Esse ser-fora sou eu, ele é real*. Se sou afetado pela vergonha é porque reconheci que este ser fixado pelo olhar do Outro é imputável a mim. Com vergonha, reconheço ser este objeto que o Outro vê.⁹ Isto implica que o Outro constituiu e revelou a mim meu ser.

⁹ Reconheço que sou assim como o Outro me vê, não como uma comparação entre o Olhar que dou a mim mesmo e o Olhar do Outro, pois esta relação seria uma reflexão posterior e, como vimos, a vergonha é imediata e irrefletida.

[...] sinto-me conforme o outro me olha, passo a ser esse ser que o outro define por seu olhar, isto é, passo a aceitar o veredicto do juízo que o outro me dirige: ponho-me como objeto e passo a admitir que sou o que ele acha que sou [*sentir vergonha é reconhecer que sou como o Outro me vê*] a vergonha é a confissão por excelência de que meu ser não só foi arrancado de mim e objetificado lá fora pelo olhar do Outro, mas que também, simultaneamente, reinteriorizei esse eu-objeto como parte constituinte de meu ser [...] (SILVA, 2009, p.42)

É a partir do olhar do outro, que me torna objeto, que sou posto em condições de apreender a mim, me julgar, sentir vergonha ou orgulho, posto que o Outro me tornou (a falta de ser e espontaneidade que sou) um objeto classificável.

Explicamos até aqui como as relações com o Outro se realizam a nível ontológico. Vimos que Outrem transcende minha situação e a mim. Ele faz meu mundo escoar, tornando-se o centro referencial das significações e fazendo de mim objeto entre objetos. Percebo Outrem irrefletidamente pelo Olhar. O Outro aparece como sujeito que me torna objeto; o que é vivenciado de forma irrefletida e percebida pelo sentimento como, por exemplo, a vergonha. Revelamos que posso *ver* e *ser visto*, já que essas relações são instáveis e existe sempre a possibilidade de ser objetivado e objetivar o Outro. Mostramos, a partir de *Huis Clos*, que cada sujeito quer ser apreendido pelo valor que atribui a si, porém Outrem não afirma aquilo que apreendi de mim mesmo; o Outro constitui meu ser independente de minha vontade. Outrem aliena minha liberdade e me doa significações que sou à maneira de não-ser. Não escolho a imagem que Outrem formará de mim, mas terei que reconhecê-la de algum modo. Precisamos, portanto mostrar como o homem porta-se diante da objetivação de seu ser. Embora as significações do Outro pareçam ser subjetivas (como mera opinião aleatória que não afeta meu ser), este *ser-fora*, constituído por Outrem, é objetivo, de modo que terei que assumi-lo concretamente. Para isso, analisaremos o trecho apresentado por Sartre na *Quarta Parte: Capítulo 1: Liberdade e Facticidade: a Situação* da obra *O Ser e o Nada*.

4. Ser-para-outro em situação

Ser feio ou bonito parece ser um aspecto subjetivo, porém é objetivamente que Outrem apresenta definições que, ao final, formam um conjunto concreto. Eu sou esse

conjunto, mas não posso sê-lo (realizá-lo plenamente) porque sou liberdade. Esse irrealizável é um imperativo exterior que aguarda minha reação e reconhecimento para se concretizar como alienação de meu ser.¹⁰ Como exemplo, tentaremos mostrar abaixo que a transexualidade é um irrealizável a realizar, constituído nas relações com Outrem. A consciência é nada de ser, projeta-se ser mulher, mas pode esbarrar com os limitantes impostos pelo Olhar do Outro. Outrem define que existe um conjunto de atributos biológicos, psicológicos e comportamentais que essencializam e definem o que é ser mulher. Como explicaremos abaixo, a transexual nasceu fora destes padrões instituídos por Outrem, tem seu ser alienado e precisa construir-se como mulher a partir dessa alienação.

A consciência em Sartre não tem essência, natureza ou conteúdos, ela é falta de ser e, portanto, não tem gênero. Cada sujeito é apenas seu próprio projeto de ser, uma consciência que se move, age no mundo e se responsabiliza. Escolho comportamentos e aparências em situação. Em certo momento, o Outro surge em situação e me tipifica como homem travestido, exigindo que para ser mulher seja preciso que eu tenha um conjunto de caracteres sexuais. É o contato com o Outro que gera o conflito de identidade. A sociedade me aliena com suas definições e técnicas: “você é homem”. É o Olhar do outro que atravessa meu ser com violência, que me vira do avesso e revela o que eu sou sem a minha permissão.

Esta alienação *homem* é um irrealizável que me espera para realizar. Posso realizar ou não este imperativo que me aguarda. Ao assumir um imperativo, o insiro em minha situação e, a partir daí, posso rejeitá-lo ou aceitá-lo. De um lado, os irrealizáveis são limites à minha liberdade, já que me alienam; de outro, eles só ganham sentido e existência dentro do meu livre projeto. “Para Sartre, o fato é incontestável: o Para-si vivencia o mal estar de ser visto e sente-se em perigo; ameaçado, descobre-se na angústia, nadifica a náusea, indigna-se e é obrigado a enfrentar a situação” (AGUIAR, 2003, p.102, grifos nossos).

¹⁰ Sartre trabalha esta questão a partir do exemplo de um judeu na obra *O Ser e o Nada*, ele só se torna judeu a partir do momento em que assume o seu ser judeu perante a sociedade (Cf. SARTRE, 1943, p.573). Adaptaremos este exemplo baseados teoricamente no segundo volume da obra *O Segundo Sexo* de Beauvoir, livro que se inicia com a seguinte afirmação: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada” (BEAUVOIR, 1967, p.9).

Como explicamos, cada sujeito quer ser tomado pelo valor que assumiu para si, e precisará lidar com as significações e objetivações que lhe foram atribuídas por Outrem. Não escolho como o Outro me vê: homem, travesti, transexual, mulher, etc. Me alienaram, criaram um ser-fora e me julgaram. É por meio da alienação que vejo o meu ser; o Outro revela o que sou (ainda que à maneira de não sê-lo) – terei que assumir este ser e me posicionar diante dele.

Neste exemplo a consciência reconhece-se como mulher, enquanto a sociedade a tipifica como homem. Ela então lutará pelo reconhecimento social de seu ser mulher e poderá assumir condutas ditas femininas e fazer modificações corporais como cirurgias, tratamento hormonal, etc. Entretanto, negando a constituição biológica masculina e buscando o ser mulher, a sociedade cria a classificação: mulher transexual. O ser transexual é o que Sartre chama de “reverso escolhido e fugidio de minha escolha”. A transexualidade é, portanto, o reverso alienado de sua escolha, e ela precisará ainda assumir-se diante desta alienação construindo *seu ser mulher*. Assim, esta consciência só se vê como transexual quando a objetivam e nomeiam. Foi a rejeição de *ser-fora-homem*, e a busca de *ser mulher*, que a constituiu como transexual.

Mas, eu não sou primeiro homem para rejeitar a definição de homem, tampouco primeiro transexual.¹¹ A consciência, em Sartre, de início, apenas existe e se escolhe. Ela é nada de ser, busca pelo ser. Em situação, esta consciência – perpétua nadificação e arrancamento de si – depara-se com o Outro; seu pecado original que a faz cair de sua liberdade absoluta para o plano dos objetos classificáveis. A consciência será o que fizer de si, a partir de sua situação e das objetivações de seu ser, mas precisará *assumir* as definições rotuladas de si. Posso assumir ou rejeitar essa objetivação, mas preciso me posicionar diante delas: “devo tomar uma atitude: reconhecer, negar, envergonhar-me, orgulhar-me – seja lá qual for a atitude, ela é necessária [...]” (SOUZA, 2008, p.150).

Ainda que o ser-para-outro não seja uma categoria ontológica, ser alienável é característica da liberdade. Mas não é possível ser apreendido por Outra consciência e permanecer indiferente; a própria indiferença já é uma conduta que tomo diante da alienação que assumi referir-se a mim. Frente à outra liberdade, assumo esta objetivação de meu ser (dou a ela um sentido), logo, reconheço o Outro como transcendência, o faço

¹¹ Cf. SARTRE, 2009, p.648

existir para mim. Reconhecer o Outro como liberdade requer que eu assuma o dado alienado de meu ser, assim como o ato de assumir minha alienação significa reconhecer a liberdade do Outro. Dessa forma, o conflito entre as consciências é também reconhecimento de ser liberdade. Só sou objeto quando reconheço o Outro como liberdade e assumo estas significações de meu ser.

Considerações finais

Toda relação com o Outro é um forma de desafio. O Outro dissolve meu mundo, sua presença inflamadora afeta meu ser. Ao ser visto, perco para outra consciência o significado de meus gestos e do conjunto de objetos à minha volta; meu ser e minha situação são violados, meu *eu* é constituído sem a minha permissão. O Outro é aquele que me vê, me faz perceber que sou visto, de modo que passo a olhar para mim mesmo a partir do olhar do Outro. Mas esse ser que é visto escapa de mim – é um eu determinado pelo Outro que assumo com vergonha. Precisurei assumir uma posição diante das objetivações, ou seja, é necessário lidar com as atribuições significativas de outrem sobre mim. O Outro é, dessa forma, um mediador entre minha consciência e o *meu eu*.¹² “O fato da existência do outro é, portanto, incontestável e me atinge em meu âmago, na justa medida em que o outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (SCHNEIDER, 2011, p.147).

É o Outro que realiza a mediação para constituição de meu ser. Outrem é o mediador entre minha consciência e meu ser, já que permite minha objetivação e constitui o meu *ser-fora*. O surgimento do meu ser passa pela descoberta do Outro; eles surgem juntos. O conflito é, portanto, indispensável, pois possibilita a evidência da existência de Outrem e é necessário também para a constituição do meu ser.

Outrem é o meu inferno, este é o preço a se pagar para que o fantasma do solipsismo seja exorcizado e eu tenha um ser objetificado no mundo. O conflito é inerente

¹² Tentamos mostrar ao longo do texto que a constituição de meu ser pelo olhar do Outro não fixa na consciência uma essência, não a cristaliza como em-si. Sou e não sou este *Ser* que é constituído pelo olhar de Outrem. Sou este ser na medida em que foi minha consciência e minhas ações que foram apreendidas pelo Outro, sendo responsável por elas, precisarei assumi-las. Porém não sou este ser petrificado pelo Olhar do Outro na medida em que a consciência permanece como nada de ser e transcendência (não existe *Eu na* consciência). Sou este *eu* constituído na história, socialmente, preciso reconhecer e responsabilizar-me por minhas escolhas, porém permanece sempre a possibilidade de realizar escolhas diferentes, uma vez que a consciência é desgarramento de si e nadificação.

às relações intersubjetivas, na medida em que o para-si é alienável. Porém, o conflito tem seu viés positivo: permite a existência de meu *ser-fora* e afirma a existência do Outro.

Referências

- AGUIAR, E. P. *Conflito e intersubjetividade em o ser e o nada de Sartre*. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2003.
- BARATA, André. O outro e a Relação: O contributo das fenomenologias da intersubjetividade. *Phainomenon*, Lisboa, nº 16-17, 2008, pp. 295-314.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. v.2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- DANTO, A. C. *As Ideias de Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GONÇALVES, C. S. *Desilusão e história na psicanálise de J.-P. Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- SANTOS, V. *A questão da intersubjetividade em O Ser e o Nada*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2010.
- SARTRE, Jean Paul. *L'etre et Le Néant: Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- _____. *Huis Clos*. Paris: Gallimard, 1947.
- _____. Uma Ideia Fundamental da Fenomenologia de Husserl: a Intencionalidade. In: *Situações I*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.
- _____. *Un Théâtre de situations*. Paris: Gallimard, 1973.
- _____. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia fenomenológica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- SCHNEIDER, D. R. *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- SILVA, A. A. L. Os caminhos da intersubjetividade. *Primeiros Escritos*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2009, pp. 33-46.
- SILVA, C. G. A conflituosidade das relações intersubjetivas em *Huis clos* de Sartre. In: VII Seminário da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2011, São Carlos. *Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*. São Carlos: UFSCAR, 2012.
- SOUZA, T. M. *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz*. São Paulo: EDUSP, 2008.